

Radio 4.11.61  
DN 5.2.57  
M 497

**Rubem Braga**

## CARTA A UM AMIGO DO CHILE

**O**RA, Jorge, tu és apenas um mau silêncio atrás de um cordilheira; que há? Tenho o pressentimento de que advogas mal, faltas ao Ministério e bebes de maneira repulsiva; ou nem isso. E teu campo, tuas lavouras, teus contos, tua magra escultora, tuas cartas secas aos peruanos que vendem algodão? Perguntei por ti ao Neruda, êle disse que o abandonas totalmente. E Enrique Bello? E a Negra Vergara? Existe realmente o Chile ou eu fui adido comercial junto a uma nuvem?

Oh, escreve. Conta-me devagar as coisas e as circunstâncias, o mar atrás do arvoredo em Zapallar, e quem estava, e o que se disse, e fêz. A terra treme bem nesta primavera? E tu? Que planejas de tarde, em Agustinas, com o pequeno Huidobro malicioso? Já se criou um mundo espiritual em Melipilla? Ah, eu gostaria de estar no Chile e me apaixonar pela irmã de Paulina Waugh; dedicar-nos-íamos à cerâmica, iríamos morar em Pomaire, faríamos pequenos bois de barro no quintal, e de tarde, quando escurecesse, ficaríamos muito tristes, nós e nossos bois. Aos domingos iríamos ao cinema em Talagante, em bicicletas roubadas de um quadro de Nemesio Antunez, magras, patéticas bicicletas, reumáticas bicicletas, oh cloróticas e hécticas bicicletas, verdadeiras bicicléticas, luéticas bicicléticas, pobres bicicle-

tas de dicionário, que me transformariam em poeta luciferário que, segundo o Pequeno Dicionário, é “aquê que leva lanterna em procissões”.

Levaria minha lanterna sempre apagada, em sinal de luto e de humildade; e quando a Waugh fugisse com o marido de Carmen Johnson, o colecionador de aranhas que tem barbas ruivas, eu me deitaria por terra, no fundo do quintal, e uivaria seu nome: waugh, uóf, uóóóóf...

Êstes são, mancebo Edwards, meus sonhos presentes. Dirás que tão tristes. São. “Hay motivo”. Depois te conto meus impasses; sabes que “impasse” em francês é bêco sem saída? Gostaria que viesses até aqui antes de minha partida; eu te levaria com “la niña que llegó de Europa” até Cabo Frio, onde há águas azuis rajadas de verde e a geometria prateada das salinas, e os moinhos de vento moendo as águas; e ilhas, canais, caminhos, e lentas lagoas côr de estanho, e casuarinhas — e o mar.

No morro verde que tem uma capelinha no alto vimos cinco mulheres que subiam, duas tinham vestidos azuis, três tinham vestidos vermelhos, e essas côres eram tão leves e vivas que faziam, se movendo, uma pequena festa no alto do triste morro colonial.

Escreve, aparece, e um abraço, e meus fundos respeitos a Pilar de Castro; adeus.

497 - 28.10.61